

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

IVIA MARIA DE ALMEIDA DIAS

O PAPEL DO PROFESSOR NA BUSCA DA CRITICIDADE LEITORA

São Paulo

2014

IVIA MARIA DE ALMEIDA DIAS

O PAPEL DO PROFESSOR NA BUSCA DA CRITICIDADE LEITORA

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, sob a orientação da Profª Drª Nancy dos Santos Casagrande.

São Paulo

2014

Agradecimentos: Agradeço primeiramente a Deus sem o qual não seria possível este projeto, aos meus familiares que sempre me apoiaram em minhas decisões, a meu noivo que nunca deixou de me ajudar nesta conquista e a todos meus amigos que sempre torceram para que esse sonho fosse alcançado.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	6
Capítulo 1 – As Concepções de Leitura	8
1.1. Aspectos Cognitivos da Leitura	8
1.2. Estratégias de Leitura	11
1.3. A importância da Leitura e a Escola.....	15
1.4. Aspectos Pedagógicos da Leitura.....	18
1.5. Motivações Para Leitura	21
Capítulo 2 – Concepções de Leitura na Legislação Brasileira.....	23
2.1. A LDB, o PCN de Língua Portuguesa e o Currículo do Estado de São Paulo: Objetivos e Finalidades.	23
2.2. A LDB como apoio na formação de Leitores e cidadãos	24
2.3. Concepção de leitura no PCN de Língua Portuguesa Fundamental II	25
2.4. O Currículo do Estado de São Paulo de Língua Portuguesa.....	26
Capítulo 3 – O Material Didático e uma proposta de atividade de leitura	32
3.1. A funcionalidade do Material Didático e do Material de Apoio do Estado de São Paulo.....	32
3.2. Análise e Apresentação do Material.....	33
3.3. Propostas de atividades para a motivação da competência leitora a partir do Material Didático e de apoio do Estado de São Paulo.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
BIBLIOGRAFIA	41

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a leitura é o único caminho à formação de leitores críticos, competentes, agentes e atuantes em nossa sociedade, capazes de lerem o mundo que os cerca, pensamos nesta pesquisa como uma contribuição aos professores de Língua Portuguesa.

Levantamos informações pertinentes quanto às estratégias de leitura fundamentais para o desenvolvimento do processo de leitura e, a partir disso, analisamos o livro didático, adotado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o caderno do aluno, distribuído pela Secretaria do Estado de São Paulo, com o intuito de perceber em que medida esses materiais atendem às exigências da legislação, bem como trazem propostas de leitura capazes de propiciar ao aluno a construção da cidadania.

Nossa contribuição dar-se-á a partir de outras propostas de leitura que concebemos e que julgamos possível o trabalho com alunos em busca da formação de leitores críticos e atuantes.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sabemos da importância e da necessidade da leitura nos dias atuais, ler hoje em dia é muito mais do que decodificar um código para uma atividade específica, a leitura da realidade atual precisa visar ao desenvolvimento da criticidade, bem como contexto social no qual nossos alunos estão inseridos.

O papel do professor em nossa realidade atual é desenvolver nos alunos a competência leitora, para que estes possam dominar o mundo que os cerca de forma a contribuir para a mudança de sua própria realidade e da sociedade tão necessitada de pessoas críticas.

Nossos alunos estão desmotivados em relação à leitura, por isso realizam leituras superficiais que não contribuem com suas necessidades. Cabe a nós, professores, reavaliar nossas condutas como guias na busca por formar leitores competentes, por meio de atividades motivadoras, levando em conta a realidade de nossos alunos, promovendo atividades que os faça analisar as entrelinhas do texto e relacioná-las com os aspectos sociais.

Considerando esta problemática este trabalho tem como objetivos:

- ✓ Geral:
 - ✓ Compreender as estratégias de leitura e seu papel no desenvolvimento de atividades para o despertar da leitura crítica no aluno.

- ✓ Específicos:
 - ✓ Despertar a criticidade de nossos alunos tornando-os capazes de lerem o mundo que os cerca;
 - ✓ Auxiliar na formação de leitores motivados que sejam capazes de desvendar as entrelinhas do texto deixando de lado a leitura superficial;
 - ✓ Contribuir com o trabalho dos professores de língua portuguesa, sugerindo atividades que possam auxiliá-los na formação de leitores críticos.

No primeiro capítulo, apresentaremos as estratégias de leitura como base para os caminhos a serem seguidos na busca de uma atividade verdadeiramente eficaz.

No segundo capítulo, abordaremos as leis que regem a educação (Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional – LDB e Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN), bem como aquelas que regem a política educacional do Estado de São Paulo (Currículo do Estado de São Paulo), visando cumprir o programa oferecido pelo nosso estado nas escolas da rede pública.

No terceiro capítulo, apresentamos uma análise de um livro didático, juntamente com a apostila distribuída pelo Governo de São Paulo (Caderno do Aluno), além de propostas de atividades e de avaliação da evolução dos alunos durante o processo de ensino de leitura, na busca pela formação de leitores.

Nas Considerações Finais, descrevemos as conclusões obtidas com base na pesquisa e na análises realizadas durante este trabalho.

Capítulo 1 – As Concepções de Leitura

1.1. Aspectos Cognitivos da Leitura

Muito já se discutiu sobre leitura e os processos de compreensão que envolvem essa prática, por ser ele bastante complexo. Neste processo que deve acontecer de forma linear, cabe ao professor criar oportunidades, estratégias para que o aluno atinja a compreensão.

Segundo Kleiman (2002) não é possível ensinar alguém a compreender textos ou os processos cognitivos, o que se pode e deve fazer é nortear a atividade auxiliando-os, para isso utilizamos os aspectos cognitivos, ou seja, os conhecimentos que temos armazenados em nossas mentes. Nem sempre os textos que lemos fazem parte do nosso conhecimento de mundo, por isso, é necessário desvendarmos palavras que não conhecemos e fazer repetidas leituras do mesmo texto para que o conhecimento se torne velho.

O leitor utiliza todos os seus conhecimentos (prévio, linguístico, textual e de mundo) para buscar a compreensão, conhecimentos armazenados na mente do leitor a partir de suas experiências vividas.

De acordo com Smith (2003, p.22)

O cérebro humano não é como um banco, onde guardamos pedaços de informações depositadas por professores e livros. Em vez disso, o sistema de conhecimento, em nossas cabeças, é organizado em um modelo de trabalho intrincado e internamente consistente do mundo, construído através de nossas interações com o mundo e integrado em um todo coerente.

O conhecimento linguístico é o conhecimento que ele tem da própria língua como as regras gramaticais. Sem esse conhecimento não é possível atingir a compreensão. Quando há problemas de compreensão o leitor busca ativar outros tipos de conhecimento. Como o conhecimento prévio, que é adquirido ao longo da vida, se o leitor não o tem suficientemente para acionar durante a

leitura e fazer inferências, não conseguirá compreender o texto, fazendo assim uma leitura superficial.

Afirma Kleiman (2002, p.27):

O mero passar de olhos pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado de lembranças e conhecimento, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornecem pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar.

A ativação do conhecimento prévio é essencial para que haja compreensão, pois ele permite ao leitor resgatar elementos do texto de acordo com os seus armazenados, para estabelecer uma relação entre as partes discretas no texto formando um todo coerente.

Conceitua Kleiman (2002) a leitura é um ato individual e a escola não é considerada um ambiente favorável à atividade de leitura, pois apresenta características que não permitem ao leitor desenvolver-se e não utiliza de estratégias de leitura para que ele possa ter autonomia nesta atividade.

Segundo Kleiman (2002, p.30), “o contexto escolar não favorece a delineação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo no pretexto para cópias, resumos, análise sintática e outras tarefas do ensino de língua., ” assim, o professor exerce o papel de guia, conduzindo seus alunos no processo de compreensão, até que consigam compreender sozinhos. Quanto maior for o objetivo do leitor na compreensão de um texto escrito, mais processos de leitura serão ativados de acordo com todos os conhecimentos que estão armazenados na sua mente e são ativados a partir da sua necessidade e na interação com o texto, para tanto, o tipo de leitura a ser realizada sobre um texto é determinada pelo tipo conhecimento prévio que o texto aborda e faz com que o leitor o acione.

O leitor atribui sentido ao texto à medida que se serve dele e dos seus próprios conhecimentos, é preciso que o ele tenha claro que não é possível apenas fazer suposições e tirar suas próprias conclusões, é necessário compreender as intenções do autor para que a mensagem que o texto quer

passar não seja mal compreendida. Tudo depende dos conhecimentos do leitor, das intenções do autor, do contexto e do tipo de texto.

Os conhecimentos adquiridos pelo leitor durante sua vida são de extrema importância para que ele consiga estabelecer uma relação de sentido entre esses conhecimentos e o texto, pois o texto não é um produto acabado, o leitor necessita formular hipóteses estabelecendo uma relação com a matéria escrita, para alcançar a sua compreensão. Sem ativar os seus aspectos cognitivos, o leitor terá dificuldade de estabelecer essa relação, não permitindo que o texto lhe faça sentido, porque quando lemos um texto sem um propósito não é possível existir leitura.

O conhecimento textual é adquirido após a realização das leituras, que servirão posteriormente para a compreensão de novos textos e assim sucessivamente. Quanto mais conhecimentos forem armazenados a partir das experiências de leituras, juntamente com as próprias experiências de vida, mais conhecimentos o leitor terá para utilizar.

O conhecimento de mundo diz respeito a todas as experiências vivenciadas pelos leitores, seja na escola, em casa, adquirido nas leituras ou até mesmo na própria observação que faz da sua realidade de vida.

Todos estes conhecimentos formam a cognição dos leitores, que usufruirão para se tornarem leitores proficientes.

Além dos aspectos cognitivos, os leitores necessitam usar estratégias para chegarem a essa proficiência, nesta parte do processo de leitura o professor será de suma importância, pois é ele que contribuirá com estratégias até que os alunos conquistem sua autonomia.

Assim, faz-se importante abordarmos em nosso trabalho as estratégias de leitura, pois são elas que auxiliam e facilitam este processo.

1.2. Estratégias de Leitura

Afirmamos anteriormente que o leitor adquire seus conhecimentos ao longo da vida, de suas experiências e esses conhecimentos ficam armazenados em sua mente para serem utilizados à medida que se tornem importantes para a compreensão de textos. A questão que abordaremos agora diz respeito à utilização de estratégias, ou seja, caminhos que o leitor percorrerá para que se torne proficiente no processo de leitura.

Como descreve Giasson (1993, p.17):

Tradicionalmente, tanto os investigadores como os professores concebiam a compreensão na leitura como um conjunto de sub-habilidades de forma hierarquizada (decodificar, encontrar a sequencias das ações, identificar a ideia principal). Julgavam que o domínio destas habilidades era sinônimo de domínio da leitura.

A leitura é um processo de interação entre texto e leitor e o seu domínio não está centrado em habilidades superficiais como: decodificar, encontrar sequências de ações, identificar a ideia principal entre outros, por isso não pode estar separada do seu contexto.

O processo de leitura é interativo e são estes os elementos que interagem para que haja uma compreensão consensual: o leitor e os processos de leitura, o texto sob os aspectos de intenção do autor, a estrutura do texto e seu conteúdo e o contexto que pode ser psicológico (intenção de leitura), o contexto social (a intervenção dos professores, dos colegas...) e o contexto físico (tempo disponível, barulho, o lugar...). Quanto mais interligados estiverem estes elementos, será mais fácil atingir a compreensão.

Afirma Giasson (1993, p.23) “a compreensão na leitura variará segundo o grau de relação entre as três variáveis: quanto mais variável leitor, texto e contexto estiverem imbricados umas nas outras, “melhor” será a compreensão.” Portanto se uma das três variáveis não estiver imbricada no processo de leitura, o leitor sentirá dificuldades na compreensão, tudo depende dos

conhecimentos a serem ativados pelo leitor, ou seja, precisará ativar suas estruturas cognitivas que dizem respeito aos seus conhecimentos de mundo e de língua, pois o leitor deve estabelecer relações ao texto que passa a ser um conhecimento novo e ao conhecido, quanto mais conhecimento o leitor tiver adquirido ao longo da vida, maiores serão suas possibilidades de compreensão.

Os interesses desenvolvidos pelo leitor (Estruturas afetivas), também desempenham um papel importante na compreensão, pois esses interesses determinarão o grau de afinidade entre leitor e texto, se o leitor não se interessar pela leitura, é possível que não atinja a compreensão esperada.

A compreensão da leitura dar-se-á por processos, podemos começar com as informações contidas em uma frase, podemos fazer inferências, estabelecer relações com os conhecimentos já adquiridos, identificando as ideias principais, estabelecer suas próprias previsões permitindo que o leitor adaptar-se ao texto. Todo este processo reforça que a leitura é um processo de interação e não uma simples transposição do texto para o leitor.

O professor precisa assumir a posição de guia, permitindo que o aluno desenvolva habilidades de leitura através de sua própria interação que podem ser aplicadas em um contexto funcional. O professor precisa reconhecer as necessidades dos seus alunos e, à medida que ele progride, o professor pode diminuir o apoio.

Também é importante explicar aos alunos porque essas estratégias de leitura serão importantes para a compreensão do texto, para tornar transparente o processo cognitivo interagindo com eles e orientando-os para o domínio destas estratégias, permitindo-lhes a responsabilidade na escolha da melhor estratégia e avaliar em que momento ela será fundamental à compreensão do texto, dependendo do tipo do texto, tornando este aluno autônomo na busca de sentido.

A decodificação é usada pelos leitores iniciantes e ajuda-os a identificar palavras mesmo que estas não façam parte do seu vocabulário, e aos poucos vão se familiarizando com elas o que os permite reconhecê-las em futuras

leituras. Mesmo que o leitor reconheça todas as palavras individualmente precisa compreender o sentido global a que elas estão vinculadas. Para este processo, cabe ao professor auxiliar seus alunos escolhendo a melhor estratégia para que possam atingir a compreensão destes grupos de palavras.

Já os leitores competentes quase não necessitam usar esta habilidade, pois reconhecem imediatamente as palavras que se encontram no texto à medida que ativam seus conhecimentos.

Segundo Giasson (1993, p.62). “É inútil ensinar aos leitores principiantes uma habilidade de que quase não terão necessidade como leitores competentes.”, por isso não cabe ao professor ensinar apenas a decodificação de palavras, mas a leitura como processo de compreensão.

Estes processos que ligam a compreensão por grupos de palavras são importantes para a iniciação na leitura, porém o professor precisa complementá-los com outros como, por exemplo, os mecanismos de coesão, as inferências que permitem ao leitor ser capaz de captar as informações implícitas é fato que quanto mais conhecimentos o leitor tiver sobre um determinado assunto mais fácil será fazer inferências. Estes mecanismos contribuirão para uma compreensão em nível global do texto.

Há uma grande dificuldade no processo de compreensão de leitura, quando diz respeito à ideia principal do texto ou à ideia que o autor quis passar, pois os leitores mais hábeis e menos hábeis sentem dificuldades para identificar essas informações no texto, isto se dá, já que os leitores têm ideias diferentes quanto ao que realmente é importante de ser considerado em um texto. Os leitores mais hábeis buscam indícios do autor juntamente com sua intenção de leitura, os leitores menos hábeis buscam as informações importantes baseando-se nas ideias que os interessem de forma particular, muitas vezes não atingindo a intenção do autor.

De acordo com Kleiman (2002, p.45). “O texto é considerado por alguns especialistas como unidade semântica onde os vários elementos de significação são materializados através de categorias lexicais, sintáticas, semânticas, estruturais.” O autor nem sempre coloca sua intenção de forma

explícita no texto, pois é o leitor que deve construir o significado relevante e aproximar-se da intenção do autor. A materialização formal, a coesão e a estrutura do texto contribuem para que o leitor se apoie nos elementos extralinguísticos bem como nos linguísticos para alcançar a compreensão.

Um texto coeso é aquele que, graças a abundantes marcas formais, permite que o leitor possa reduzir ao mínimo o número de personagens, objetos, processos, eventos de um quadro mental, e vai construindo significado à medida que vai lendo.

Como relata Kleiman (2002, p.50).

O processo através do qual utilizamos elementos formais do texto para fazer as ligações necessárias à construção de um contexto é um processo inferencial de natureza inconsciente, sendo, então, considerado uma estratégia cognitiva da leitura. As estratégias cognitivas regem os comportamentos automáticos, inconscientes do leitor, e o seu conjunto serve essencialmente para construir a coerência local do texto, isto é, aquelas relações coesivas que se estabelecem entre elementos sucessivos, sequenciais no texto.

Quando um texto é escrito de forma linear, facilita a compreensão do leitor, pois resgata elementos já citados anteriormente, quando o texto é escrito de forma não linear, ou seja, quando o autor faz digressões, dificulta a compreensão do leitor.

O leitor pode tanto criar estratégias de compreensão que vai de microestruturas até as macroestruturas, dependendo de como o autor escreve o texto.

De acordo com Kleiman (2002, p.65):

Mediante a leitura, estabelece-se uma relação entre leitor e autor que tem sido definida como de responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contatos sejam mantidos, apesar das divergências possíveis, em opiniões e objetivos.

Dessa forma, o leitor fica preso as suas crenças e opiniões, impedindo que a voz do autor tome a posição cabível a sua leitura, por isso o leitor não atinge a compreensão adequada do texto, tornando a leitura uma atividade difícil de ser superada. Porém, a responsabilidade do autor, como o detentor da palavra, é de construir seu texto de forma clara, informativa e relevante, para que o leitor consiga reconstruir, durante a leitura, o caminho que o autor percorreu.

Então, percebemos que as estratégias de leitura juntamente com os aspectos cognitivos são fundamentais para que os leitores se tornem proficientes neste processo. O professor também, nesta perspectiva, se posiciona como guia de seu aluno e o auxilia, construindo com ele estratégias que lhes serão úteis até o momento em que o aluno crie autonomia para seguir suas próprias estratégias.

A leitura é um processo que alguns alunos descobrem muitas vezes apenas na escola, mas essas instituições de ensino muitas vezes anulam a criatividade e a autonomia dos alunos. Por esta razão se faz importante abordar os aspectos pedagógicos, pois a escola é um dos caminhos que serão percorridos pelos alunos durante sua formação como leitores.

1.3.A importância da Leitura e a Escola.

A importância da leitura vai muito além de uma mera decodificação de palavras, a leitura é um ato que permite ao aluno a descoberta do mundo em que vive.

Segundo Freire (2011, pg.19) “processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

Para que o aluno se torne um leitor crítico, capaz de conhecer e interpretar seu próprio mundo é preciso que descubra o quanto este processo é valioso para alguém pertencente a uma sociedade.

Pelo fato de ninguém nascer sabendo ler, está é uma atividade desenvolvida principalmente pela escola, é no espaço escolar que os aprendizes estabelecem um contato com os livros.

Como afirma Lajolo (2000, pg.7).

“Como entre tais coisas e tais outros incluem-se também livros e leitores, fecha-se o círculo: lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.”

A escola é um ambiente favorável ao ensino de leitura, pois é nele que os alunos mantêm um contato direto com diversos textos, onde o professor os guiará para que possam conquistar a autonomia já citada anteriormente.

Na escola além dos alunos estabelecerem este contato com diversos textos e livros, também aprendem à medida que interagem uns com os outros e vão construindo sentidos cada um com sua visão de mundo, enriquecendo o repertório uns dos outros.

Porém, a escola não pode ser o único caminho para que os alunos conquistem a autonomia nos processos de leitura, ela deve ser um dos caminhos, pois nossas experiências de vida também contribuem para este aprendizado. As instituições de ensino possuem um papel importante na construção de estratégias de leitura, para tornar nossos alunos proficientes nesta prática, mas pelo fato de a escola ser um suporte neste processo, ela não pode ser a ruptura da leitura de mundo, os professores não podem anular a criatividade de seus alunos e sim contribuir para que construam cada vez mais sua autonomia.

O que acontece em nossas escolas é que muitos de nossos alunos veem a leitura como um ato de obrigação, ou seja, eles só leem na escola quando o professor solicita uma tarefa, não possuem o hábito, o gosto por essa atividade. Neste processo deixam de ter uma visão crítica, pois utilizam uma leitura superficial apenas para atingir o propósito da atividade que é a nota.

De acordo com Freire (2011, pg.25).

“Não eram, porém, aqueles momentos puros exercícios de que resultasse um simples dar-nos conta da existência de uma página escrita diante de nós que devesse ser cadenciada, mecânica e enfadonhamente “soletrada”, em vez de realmente *lida*. Não eram aqueles momentos “lições de leitura”, no sentido tradicional da expressão. Eram momentos em que textos se ofereciam à nossa inquieta procura”.

É importante que as escolas tratem a leitura como uma descoberta do mundo, como um domínio importante para a vida em sociedade e para o benefício próprio, sem cobranças, sem visar à nota em si ou a validação desta atividade meramente como uma imposição para cumprir um currículo. É preciso que o professor seja flexível permitindo uma relação entre o aluno e o texto.

Os professores se preocupam com a quantidade de textos trabalhados e deixam de lado a qualidade das leituras realizadas. Porém não é a quantidade de textos que propiciarão alunos competentes e sim a compreensão e as descobertas realizadas a partir das leituras. O ato de ler está na compreensão, não é um ato de quantidade e decodificação.

Como afirma Freire (2011, p.20) “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Por isso, se faz importante o papel do professor nesta prática, pois ele estabelecerá os caminhos que os alunos podem percorrer, ajudará na identificação do contexto onde o texto está inserido, para que eles construam criticamente a compreensão.

Os livros didáticos abordados pelas escolas prejudicam muitas vezes a criatividade, criticidade e os conhecimentos dos alunos, pois limita-os a responderem de acordo com a visão de quem elaborou o livro. Caberia neste caso a intervenção do professor, ele deve administrar a atividade de leitura permitindo que o aluno vá além dos limites impostos pelo livro didático, para que atribua sentido as leituras de acordo com suas próprias experiências de vida.

Outro fator importante que impede a criticidade, a autonomia e o domínio das práticas de leitura na escola é o fato dos alunos estarem cada vez mais desmotivados, pois o papel do professor está focado na decodificação e avaliação de atividades relacionadas a textos. O professor desconsidera as interpretações elaboradas pelos alunos, autorizando somente a interpretação de acordo com o que foi transmitido por ele.

Nos dias de hoje, não cabe mais ao professor o papel de transmissor de conhecimentos, aquele que despeja conhecimentos em seres vazios e sem opiniões, os docentes precisam se conscientizar de que os alunos são capazes de apreenderem sentidos sobre o que leem de acordo com suas próprias experiências e conhecimentos armazenados ao longo de sua vivência.

Cabe ao professor perceber as reais necessidades de seus alunos, assumindo a posição de mediador e permitindo que ao criar estratégias de leituras que agradem e interessem seus alunos, possa contribuir para o desenvolvimento de leitores ativos, autônomos, críticos e conscientes.

A escola é o ambiente onde formam alunos atuantes, que participam efetivamente e contribuem para com a sociedade que pertencem e é por meio da leitura que este ser social se desenvolve. Por isso é necessário que haja plena participação da escola motivando os alunos à prática da leitura visando sua importância em nossa vida.

1.4. Aspectos Pedagógicos da Leitura

A pedagogia da leitura é um aspecto importante a ser abordado, pois é ele que permite ao professor motivar, guiar, orientar e propor estratégias que contribuirão para a formação de leitores que integram sentidos ao que leem.

Como afirma Figueiredo (2005, p.61).

“Embora estas investigações na área da leitura tenham sido feitas mais no campo da psicologia do que na pedagogia da leitura, os didáticos têm procurado colmatar e preencher o vazio entre o conhecimento sobre leitura (teoria) e a aplicação deste conhecimento à instrução (prática)”.

Por este motivo faz-se necessário mostrar as teorias abordadas pela pedagogia da leitura que leva em consideração a figura do professor, portador de um papel importante nos processos que levam o leitor a compreensão.

No século passado a leitura era a atividade que se fazia em voz alta e a compreensão era vista como o ato de pronúncia correta, conforme surgiu à mudança no modo de se avaliar surgiu também a leitura silenciosa e a compreensão começou a tomar um espaço importante.

Segundo Figueiredo (2005, p.61):

“No início, ler era identificar e reconhecer palavras(percepção); depois ler passou a compreensão literal de informação escrita num texto(compreensão); hoje insiste-se na compreensão como processo reconstrutivo baseado nas interações entre texto e leitor”.

A leitura na atualidade é vista como um processo importante que visa a compreensão de forma a levar o aluno a interagir com o texto, ativando sua cognição e conquistando sua autonomia. O leitor é um processador ativo de informações, são os conhecimentos prévios armazenados na mente dele que o permitem compreender um texto, se o leitor não estabelecer essa relação entre o texto e seus conhecimentos adquiridos ao longo de suas experiências não será capaz de atingir a compreensão.

Por esses motivos os processos pedagógicos devem se preocupar em fazer com que os alunos consigam identificar e utilizar a estrutura do texto como forma de facilitar sua aprendizagem por meio da leitura. Conseguir identificar a tipologia textual, fazer previsões, verificar os aspectos coesivos e coerentes são fundamentais para esta prática.

Os aspectos pedagógicos contribuem para criar motivações de outras leituras, para criar uma boa estrutura cognitiva, mudar padrões de conhecimentos, desenvolver a comunicação, desenvolver um plano afetivo e habilidades para resolução de problemas. Nesse sentido, os educadores precisam auxiliar para que os alunos integrem sentidos e construam significados.

Nesta perspectiva é importante que o professor perceba as diferenças individuais, pois cada aluno possui um nível evolutivo próprio, selecionar do material didático conteúdos que atribuam sentido a realidade do aluno e levá-lo a construir um significado mais eficaz para uma melhor compreensão, identificar no texto todas as hipóteses possíveis, definir estratégias adequadas, fazer inferências, entre outros. Todos esses processos são importantes para a interpretação dos significados.

As novas propostas pedagógicas consideram primordial a figura do professor mediador, tendo este um papel mais eficaz e ativo nos processos de ensino-aprendizagem. O mediador irá contribuir para que os alunos construam suas próprias estratégias de acordo com os seus objetivos e interesses, neste caso o ato pedagógico envolve professor-mediador e alunos, neste processo de interação o professor será o suporte dos alunos é ele que os guiará e os conduzirá por processos de leitura para que construam sentidos aos textos que leem.

O professor mediador não dará ênfase ao ensino de conteúdos o papel dele é fazer seus alunos perceberem que estratégias usam e levá-los a conhecer novas estratégias. Todas as estratégias devem servir para a formação de cidadãos ativos, capazes de lerem uma infinidade de situações de comunicação efetiva e construir saberes.

De acordo com Figueiredo (2005, p. 69).

“Esta construção não pode fazer-se sem uma prática efetiva e esta pratica treina-se na escola e ao longo da vida não cessando de se afinar numa dialética entre o leitor e sua leitura. O leitor lê e as suas leituras fazem-no progredir, o que aumenta sua capacidade de leitor. O essencial é que a escola faça do aluno um verdadeiro leitor e lhe transmita o desejo de assim se manter”.

Ler é uma atividade produtiva, uma atividade que ajuda na construção do saber, não se pode transmitir ou ensinar a leitura, pois este é um saber que se constrói que se busca através da motivação, da curiosidade, da necessidade. É uma prática que se treina na escola e ao longo da vida não acaba nunca, mas sempre progride contribuindo para a formação e capacitação do leitor em sua vida ativa.

É importante variar sempre as situações de leitura adaptando as leituras em função do aluno, dos seus interesses e expectativas. As propostas pedagógicas precisam conduzir os alunos a uma leitura mais autêntica. Trabalhar com diversos tipos e gêneros textuais enriqueceram o repertório cognitivo e linguístico dos alunos e também um forte caminho que os conduzirá a autonomia, tornando-o um leitor atento, consciente das possibilidades que a leitura lhe oferece.

A pedagogia da leitura tem o intuito de auxiliar o professor a escolher as melhores estratégias para conduzir seus alunos a prática da leitura de modo autônomo e proficiente. É um modo de ajudá-los a continuar sozinhos sua formação como leitores.

Outro fator importante que cabe ao professor é a motivação, sem motivação os alunos podem não se interessar por alcançar a autonomia, a construção de

saberes, por tanto neste processo ela passa a ser um aspecto fundamental para a formação de leitores.

1.5. Motivações Para Leitura

A motivação é fundamental para a formação de leitores competentes, porém para motivarmos nossos alunos devemos levar em consideração os aspectos sociais em que eles estão inseridos, o contato que esses alunos têm ou já tiveram com livros de variados gêneros. Os sentimentos do leitor também se faz importante juntamente com sua auto percepção, pois influenciarão de maneira eficaz para que ele se sinta motivado.

Outro fator de extrema importância para que os alunos se sintam motivados é o fato de o professor desenvolver atividades de leitura que causem prazer, ou seja, leituras voltadas à realidade e interesse dos alunos, atividades desenvolvidas de forma a gerar uma recompensa como reconhecimento, elogios, entre outros. É importante que as atividades desenvolvidas pelos professores facilitem e não inibam o desenvolvimento e interesses dos alunos. Nossos alunos não devem ser encarados como motivados ou desmotivados, mas sim podendo estar motivados por diferentes razões.

É essencial que os professores desenvolvam atividades de leitura compartilhada, pois esta gera compartilhamento de ideias e possíveis compreensões sobre a mesma leitura, permitindo que os alunos contribuam uns com os outros para a construção do conhecimento.

Buscar maneiras interessantes de despertar a curiosidade dos alunos através de desafios lançados a partir dos textos trabalhados e à medida que os alunos vão interagindo com o texto cabe ao professor incentivá-los, demonstrando a importância deste ato.

Ao ingressarem na escola os alunos chegam extremamente motivados a aprender e perdem essa motivação ao longo da escolarização, pois os professores ficam presos a avaliações normativas tendo como conteúdos

regras e nomenclaturas, estimulando competições levando-os a se preocuparem mais com as notas e a comparação social, ou seja, usando práticas de ensino tradicionais, com isso os professores acabam deixando de lado o trabalho motivacional, a curiosidade, os desafios e a importância da prática de leitura.

Quando motivado o aluno realiza sua auto avaliação, conquistando uma autonomia que o permite analisar seu próprio desempenho, necessitando cada vez menos de apoio para a construção de sua criticidade e competência leitora. A motivação se faz fundamental para trabalhar a competência leitora, pois é ela que garante o envolvimento do aluno com as atividades propostas, que impulsiona a vontade e a curiosidade para a busca da autonomia.

Para que todas as estratégias de leitura apresentadas tenham um resultado significativo no decorrer do ensino de leitura é importante que tenham como base os seguimentos abordados pelo PCN de Língua Portuguesa do Fundamental II, o Currículo do Estado de São Paulo e a LDB, que sustenta os aspectos abordados nos documentos que regem a educação nacional, ambos buscam construir referências de acordo com os processos educativos criando condições e permitindo aos jovens o acesso aos conhecimentos fundamentais à cidadania.

Capítulo 2 – Concepções de Leitura na Legislação Brasileira

2.1 A LDB, o PCN de Língua Portuguesa e o Currículo do Estado de São Paulo: Objetivos e Finalidades.

A LDB, lei que fundamenta e rege a educação nacional, contribuiu para legalizar os argumentos sustentados nos PCN que tem como objetivo compreender a cidadania, posicionar-se de maneira crítica e construtiva, reconhecer as características sociais, culturais e materiais do seu país, valorizar a pluralidade sociocultural brasileira, perceber-se como integrante e agente transformador do seu ambiente, desenvolver o conhecimento e ser confiante de suas capacidades, usar as diferentes linguagens, entre outros aspectos que visam a progressão do ser humano como agente transformador e construtor do seu próprio conhecimento.

Esses objetivos traçados pelo PCN de Língua Portuguesa são fundamentais para a formação de leitores, pois um leitor verdadeiramente crítico necessita alcançá-los, tornando-se também um ser autônomo capaz de transformar sua realidade.

Assim como o PCN de Língua Portuguesa o Currículo do Estado de São Paulo, sustentado pela LDB, busca usar o conhecimento da linguagem de forma crítica para construir relações de diversos significados, que tornem nossos alunos capazes de transformar a si próprios e o mundo em que vivem.

Segundo o PCN de Língua Portuguesa do Fundamental II (1 998; p. 5)

O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos.

O papel do professor atual é a formação de alunos competentes, cidadãos críticos, autônomos, capazes de compreenderem sua realidade. Espera-se que

a LDB, os PCN e o Currículo do Estado orientem escolas e professores como uma forma de instrumento para a construção de uma educação de qualidade, que sejam um apoio didático-pedagógico e contribuam efetivamente nas diversas situações de aprendizagem em cada disciplina, processo que partiu dos conhecimentos e experiências vividas, como forma de diagnosticar e recuperar o desenvolvimento de nossas escolas.

Por esses motivos se faz necessário entender como a prática da leitura funciona em nossas escolas de acordo com essa legislação que visa à melhoria do ensino.

2.2 A LDB como apoio na formação de Leitores e cidadãos

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, tem por finalidade abranger os processos formativos que se desenvolvem na convivência com a família, com qualquer pessoa humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade e em todas as manifestações culturais.

Por todos esses fatores é impossível guiar uma escola, um ambiente voltado a educação de formação de qualidade, sem se respaldar na LDB. Segundo a LDB no Ensino Fundamental II é primordial o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como um dos meios básicos para alcançar essa capacidade o pleno domínio da leitura. Por meio da leitura os alunos serão capazes de compreender o ambiente natural e social no qual vivem e dos valores em que se fundamentam nossa sociedade.

O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem de outras habilidades e a formação de atitudes e valores fundamentais, para que sejam seres fortalecidos no vínculo familiar, nos laços da solidariedade humana e de tolerância em que se assenta a vida social.

Os processos de aprendizagem na LDB visam ao domínio da leitura como um suporte para o desenvolvimento de outras habilidades que serão desenvolvidas

pelos alunos durante o Ensino Fundamental II, habilidades fundamentais a construção do caráter ético, profissional e social do ser humano.

A leitura é uma habilidade de extrema importância para a formação, pois assegura aos alunos o acesso as informações necessárias a sua vida em sociedade e a uma futura formação profissional. Todo processo de aprendizagem desenvolvido no Ensino Fundamental II servirá de base para a construção do ser social e profissional, permitirá também a sua evolução no decorrer de toda sua formação.

Para esta construção de habilidades e para a evolução da formação dos alunos que se faz importante o uso do PCN de Língua Portuguesa, pois através dos desenvolvimentos propostos poderemos melhor influenciar a formação dos nossos alunos.

2.3 Concepção de leitura no PCN de Língua Portuguesa Fundamental II

O PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II concebe a leitura como um processo de contribuição para a formação do aluno. Através desse processo, espera-se que os discentes consigam ampliar sua capacidade de reconhecer as intenções dos enunciados e de aderirem às posições psicológicas concordando ou discordando das apresentadas nos textos.

Este guia auxilia o professor na formação do leitor competente, um leitor que saiba selecionar textos de acordo com seus interesses e necessidades, que aprenda a ler de maneira autônoma qualquer tipo de texto, que obtenha informações não explícitas, que desenvolva a capacidade de construir um conjunto de expectativas baseando-se nos seus conhecimentos prévios, que estabeleça a progressão temática, que troque impressões com outras pessoas a respeito do texto lido, que saiba interpretar os recursos estilísticos dos textos, entre outros fatores essenciais a formação de leitores.

De acordo com o PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II (1998, p.22)

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem.

Os PCN de Língua Portuguesa compreende a leitura como dever, prazer e necessidade e se apresenta como suporte para que nossos alunos sejam capazes de aderirem ou rejeitarem posições ideológicas manifestadas nos textos que leem.

A escola deve apresentar práticas que ajudem nossos alunos a desenvolverem o domínio da expressão oral e escrita em situações do cotidiano, o ensino eficiente é aquele que contribui para o aprofundamento dos conteúdos abordados.

Assim como os PCN, o Currículo do Estado nos auxiliará na reflexão sobre habilidades e competências a serem desenvolvidas no processo de formação de leitores.

2.40 Currículo do Estado de São Paulo de Língua Portuguesa

O Currículo do Estado de São Paulo voltado para o ensino de Língua Portuguesa não visa somente a participar da formação dos alunos e a superar as atividades voltadas apenas para a informação, mas sim para a compreensão e transformação de si e do mundo em que vivemos, construindo relações entre os diversos significados de uma mesma ideia ou fato.

A partir dos anos 70, estudos voltados a linguística começam a se interessar pelo ensino da língua materna e a fazer com que as escolas tomem um rumo diferente quanto à formação dos alunos em Língua Portuguesa.

A gramática deixa de ser o eixo central do estudo da língua e saber lidar com os textos nas mais variadas situações de interação social passa a ser necessário para a formação de nossos alunos, ou seja, deixar de lado o ensino fragmentado, descontextualizado em forma de exercícios mecânicos e repetitivos.

Após essa visão de que o ensino de Língua Portuguesa não pode mais ser de uma forma fragmentada, estudiosos começaram a valorizar o ensino por meio de textos. O centro das aulas de língua passou a ser o texto, levando os alunos a refletirem sobre sua própria língua e sobre a sociedade em que vivem, sobre o seu papel no mundo.

Com o objetivo de apresentar o texto em situações de comunicação diversificada, o Currículo do Estado propõe para cada série e bimestre do Ensino Fundamental II um eixo de organização voltado para os gêneros e tipologias textuais. O intuito deste trabalho é relacionar os textos em suas funções sócio-comunicativas.

O trabalho do professor de acordo com o Currículo de Língua Portuguesa ao abordar textos é apresentar diversos tipos de textos a serem vistos em um âmbito mais amplo, levando os alunos a desenvolverem não somente uma leitura superficial, mas uma leitura profunda, fazendo com que eles percebam o que está nas entrelinhas do texto, relacionando-os a vida social, fazendo-os desmistificar as informações presentes, ou seja, o papel do professor é prezar pela formação não somente de um aluno competente, mas sim de um leitor competente, um leitor do mundo.

Os conteúdos que serão apresentados em todas as séries do Ensino Fundamental II seguirão aspectos organizadores. Um deles é o desenvolvimento de habilidades de leitura, do ouvir, do falar e de construir relações de sentido.

Modelo do Currículo do Estado de São Paulo em Língua Portuguesa
Ensino Fundamental Ciclo II

6ª série
1º bimestre
<p>Conteúdos gerais</p> <p>Traços característicos da tipologia “relatar” nos gêneros “relato oral” e “relato autobiográfico”</p> <p>Narrar e relatar: semelhanças e diferenças</p> <p>Traços característicos de textos jornalísticos</p> <p>Estudos linguísticos</p> <ul style="list-style-type: none"> · elementos coesivos e conectivos: preposição / conjunção · frase e oração · marcadores de tempo e lugar · pontuação · interjeição · oralidade x escrita: registros diferentes
<p>Conteúdos de leitura</p> <p>Leitura de textos organizados na tipologia “relatar” em diferentes situações de comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> · inferência · formulação de hipótese · interpretação de texto · leitura em voz alta
<p>Conteúdos de produção escrita</p> <p>Produção de texto organizados na tipologia “relatar” em diferentes situações de comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> · etapas de elaboração da escrita · paragrafação
<p>Conteúdos de oralidade / escuta</p> <p>Escuta de notícia e relato de experiência em diferentes situações de comunicação</p> <p>Roda de leitura oral</p> <p>Roda de conversa</p>
2º bimestre
<p>Conteúdos gerais</p> <p>Gênero textual “notícia”</p>

<p>Gênero textual “relato de experiência”</p> <p>Estudos lingüísticos</p> <ul style="list-style-type: none"> · Frase e oração · Advérbio · Figuras de linguagem · Questões ortográficas
<p>Conteúdos de leitura</p> <p>Leitura de notícia e relato de experiência em diferentes situações de comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> · interpretação de texto · intertextualidade
<p>Conteúdos de produção escrita</p> <p>Produção de notícia e relato de experiência em diferentes situações de comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> · etapas de elaboração da escrita · a importância do enunciado · coesão · coerência
<p>Conteúdos de oralidade / escuta</p> <p>Escuta de notícias e relatos de experiência em diferentes suportes</p> <p>situações de comunicação</p> <p>Leitura oral: ritmo, entonação</p> <p>Roda de leitura oral</p> <p>Roda de conversa</p>
<p>3º bimestre</p>
<p>Conteúdos gerais</p> <p>Discurso jornalístico no século XX: diferentes formas de representação</p> <p>O jornal no mundo contemporâneo</p> <p>Notícia e relato de experiência como formas de representação histórica</p> <p>Estudos lingüísticos</p> <ul style="list-style-type: none"> · Verbo · Funções da linguagem · Pontuação · Gíria
<p>Conteúdos de leitura</p> <p>Leitura intertextual e interdiscursiva de notícia e relato de experiência</p>

(interpretação, inferência, fruição, situacionalidade, polifonia, leitura em voz alta)
<p>Conteúdos de produção escrita</p> <p>Produção intertextual e interdiscursiva de notícia e relato de experiência (coerência, coesão, intertextualidade, intencionalidade, situacionalidade, heterogeneidade, polifonia)</p>
<p>Conteúdos de oralidade / escuta</p> <p>Escuta de notícia e relato de experiência em diferentes situações de comunicação e momento histórico</p> <p>Leitura em voz alta</p> <ul style="list-style-type: none"> · elocução e pausa
<p>Conteúdos de produção escrita</p> <p>Produção intertextual e interdiscursiva de notícia e relato de experiência (coerência, coesão, intertextualidade, intencionalidade, situacionalidade, heterogeneidade, polifonia)</p>
4º bimestre
<p>Conteúdos gerais</p> <p>Notícia e relato de experiência: diálogos com outros gêneros</p> <p>Traços do discurso jornalístico: uma reflexão historicamente construída (por meio de leituras e escutas de textos jornalísticos produzidos em diferentes momentos históricos)</p> <p>Estudos linguísticos</p> <ul style="list-style-type: none"> · Figuras de linguagem · Preposição · Uso dos porquês · Forma e grafia de algumas palavras e expressões
<p>Conteúdos de leitura</p> <p>Leitura intertextual e interdiscursiva de notícias e relatos de experiências produzidos em diferentes momentos históricos (interpretação, inferência, fruição, situacionalidade, leitura dramática, polifonia, leitura em voz alta)</p>
<p>Conteúdos de produção escrita</p> <p>Produção intertextual e interdiscursiva de notícia e relato de experiência (coerência, coesão, intertextualidade, intencionalidade, situacionalidade, heterogeneidade, polifonia)</p>
<p>Conteúdos de oralidade / escuta</p> <p>Escuta de notícia e relato de experiência em diferentes situações de</p>

comunicação e momento histórico

Leitura em voz alta

· elocução e pausa

Já que neste capítulo nos respaldamos nas leis e propostas curriculares do Estado de São Paulo de acordo com os PCN de Língua Portuguesa, analisaremos a seguir os materiais didáticos que tomam como base essas propostas.

Capítulo 3 – O Material Didático e uma proposta de atividade de leitura

3.1 A funcionalidade do Material Didático e do Material de Apoio do Estado de São Paulo

Os materiais didáticos atuais têm-se respaldado nas orientações dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa) que viabilizam referências de qualidade para os Ensinos Fundamentais e Médio do país, criadas pelo Governo Federal, com o intuito de fornecer subsídios à elaboração e reelaboração do currículo, contribuindo para a formação pedagógica do aluno, numa perspectiva educacional sociointeracionista. Os materiais didáticos do ensino da Língua Materna procuram contemplar conteúdos que desenvolvam as habilidades e competências exigidas nas provas Brasil, SARESP, ENEM e futuramente no vestibular. Para isso, se fazem necessárias propostas de atividades que não sejam voltadas somente à retenção de informações, mas que explorem a interpretação e a compreensão nas entrelinhas do texto, relacionando as informações obtidas as práticas sociais. Sabemos que para estar em consonância com o mundo, faz-se necessário desenvolver habilidades que nos capacitem a construção de instrumentos de compreensão da realidade, bem como, a participação efetiva nas relações sociais, políticas e culturais, condições essenciais para o exercício da cidadania de maneira ética e solidária.

Em conformidade com os PCN, o estudo da língua materna tem se pautado em conhecimentos que mantenham interação do sujeito com a realidade social, pois consideram o aluno como sujeito ativo no processo de aquisição do conhecimento atrelado ao contexto e situação sócio-comunicativa. Dessa forma, pretende-se vincular um aprendizado significativo a desafios e estímulos constantes para o desenvolvimento de habilidades e competências do pensamento.

Segundo Currículo do Estado de São Paulo para Língua Portuguesa, para compreendermos o trabalho efetivo com textos torna-se necessário compreendermos as características estruturais do texto, bem como as condições sociais de produção, reflexão e funcionalidade.

Visto que as escolas estaduais utilizam também os cadernos do aluno (Material de Apoio Ao Currículo do Estado de São Paulo) que apresentam orientações e propostas pedagógicas que auxiliam o professor cabe analisarmos também esta proposta importante para a formação de leitores competentes.

3.2 Apresentação e Análise do Material

Analisaremos neste capítulo um livro didático muito utilizado nas escolas da rede pública de São Paulo e a apostila baseada no currículo do estado, estratégias e motivações para se trabalhar leitura levando em consideração os conceitos abordados no capítulo 1.

O material didático escolhido para ser analisado neste projeto é muito utilizado nas escolas públicas, já que também abordaremos os cadernos do aluno utilizados pelo Estado de São Paulo, proponho a análise destes dois materiais que podem ser usados juntamente no desenvolvimento dos projetos de leitura.

Iniciaremos com a análise do material didático:

CEREJA, William Roberto Português: linguagens, 6º ano: Língua Portuguesa/William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7.ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2 012.

Na organização desse material, os autores se baseiam nos gêneros textuais, o livro é dividido por unidades e capítulos. Cada unidade contém três capítulos que abordam textos, interpretação, produção e estudo da língua.

O material possui uma parte lúdica bem interessante e propostas de interpretação e compreensão que despertam a ampliação de conhecimento, repertório linguístico, vocabulário e senso crítico. No final do livro o autor aborda sugestões para que o professor possa realizar as atividades de compreensão e interpretação de forma a despertar a criticidade dos alunos.

Em consonância com esse material utilizaremos os cadernos do aluno abordados nas escolas estaduais do Estado de São Paulo:

Material de Apoio Ao Currículo Do Estado de São Paulo – Língua Portuguesa – Ensino Fundamental – 5ªsérie/6ºAno – São Paulo 2013

Este material desenvolve leitura e análise de textos, análise de situações problemas, levantamento de hipóteses, estratégias de leitura, atribuição de sentido, articulações de informações, entre outras estratégias de leitura. O material é dividido por cadernos, cada caderno é de acordo com um bimestre e desenvolve atividades relacionadas ao currículo do estado juntamente com o que é abordado por bimestre.

As atividades desenvolvidas pelos Cadernos do Aluno do Estado de São Paulo são desenvolvidas como situações de aprendizagem e seguem uma ordem fazendo com que um conteúdo tenha relação com o outro dando continuidade no projeto.

Os dois materiais abordados servem de base e auxiliam o professor no processo de formação de leitores competentes e capazes de ler o mundo que os cercam. Propomos com este projeto novas atividades e estratégias para ajudar o professor a cumprir com essa tarefa árdua e esse processo gradual que visa a ajudar nossos alunos a conquistarem o direito de se tornarem cada vez mais capazes de interagir em sua realidade social por meio da leitura.

3.3 Propostas de atividades para a motivação da competência leitora a partir do Material Didático e de apoio do Estado de São Paulo

Como sugestão aos professores que utilizam esse ou outro material didático propomos o trabalho com textos e que sigamos todas as estratégias abordadas durante este projeto e não trabalharmos apenas o texto pelo texto, como um processo mecânico e desfocado da realidade do aluno.

Antes, porém, do trabalho com os textos, propomos que o professor faça uma avaliação diagnóstica para que possam ser levantadas hipóteses sobre o que os alunos trazem como repertório, que contatos têm com o mundo da leitura e poder direcionar mais o seu trabalho. A partir dessa avaliação, o professor poderá iniciar as propostas de leitura dos livros didáticos estimulando-os a analisarem o texto por partes, inicialmente pelo título com levantamento de hipóteses, levando-os a ativarem seus conhecimentos prévios para que estabeleçam uma relação com seu universo.

Nessa hora é importante que o professor faça os alunos perceberem que cada parte que compõem o texto é fundamental para a compreensão final, fazendo com que não percam o foco central do texto e não confundam opinião própria com a real interpretação do texto, para que não partam para as atividades de compreensão e interpretação após uma leitura básica do texto abordado.

Os alunos precisam realizar as atividades propostas pelos livros após todo um desenvolvimento do texto, para que ao realizarem essas tarefas tenham formulado informações precisas e consistentes sobre a temática e abordagem do texto, possibilitando as inferências necessárias durante o processo de análise e compreensão. É preciso ir muito mais além do que as atividades cobram como proposta, o professor precisa elaborar uma roda de conversa e contar com a participação dos alunos para desvendar as entrelinhas dos textos, os fatos e circunstâncias que não estão aparentes.

O livro didático citado como parâmetro da nossa análise contribui muito com a formação dos alunos como leitores competentes, mas o professor não pode tomar somente o livro didático como manual de leitura para o aluno, ao contrário, o livro didático precisa ser um suporte.

Cabe ao professor elaborar suas aulas de forma a tornar a leitura um processo contínuo e gradual, levando textos diversos e propiciando aos alunos o contato com livros variados, leituras coletivas, debates, comparações, trabalhar a intertextualidade, afim de proporcionar ao aluno não apenas uma proposta do texto abordado, mas sim propostas diversas relacionadas ao mesmo gênero.

Propomos aos professores que realizem projetos de contação de histórias em que os próprios alunos recontem as histórias lidas, façam conclusões sobre os temas abordados, possibilitando-lhes que mudem o final da história ao recontarem ou que recontem a história a partir da perspectiva de outro personagem, esse projeto se encaixa perfeitamente aos alunos do 6º ano, por exemplo, pelo fato de trabalharem com a estrutura do texto narrativo, como também é abordado no livro didático, e é considerada mais uma proposta que visa o entendimento do gênero textual que está sendo trabalhado. O Projeto visa estimular a criatividade, criticidade e ampliar o repertório linguístico e prévio que os alunos já têm.

Trabalhar a intertextualidade em relação aos textos abordados no 6º ano é interessante para a reflexão dos alunos, a intertextualidade e comparação de textos permite aos alunos estabelecer relações de sentido e contribui para um maior entendimento na estrutura do gênero abordado.

É importante que o professor consiga perceber que não se pode ficar preso e focar apenas as propostas dos livros, pois para se obter um trabalho efetivo com grandes repercussões precisamos inovar nossas propostas, as atividades apresentadas no livro didático visam apenas a compreensão, a gramática, a estrutura da língua e a produção textual de forma rápida para que o professor consiga cumprir o programa estipulado. Mas o projeto de desenvolver um leitor crítico e competente precisa possibilitar ao aluno um aparato maior de informações e sugestões de acordo com a mesma proposta (gênero textual), para que ele consiga construir sua criticidade e maturidade ao realizar a compreensão uniforme de um texto.

Sugiro também que os professores façam *portfólios* dos alunos de forma a registrar os avanços e dificuldades dos mesmos a partir das atividades propostas, para que ao final de cada bimestre o professor possa fazer um relatório de análise e avaliar quais são os aspectos que precisam ser retomados para que não surjam lacunas no processo.

Observe uma proposta de *portfólio*:

Nome do aluno: _____ série _____

1º Bimestre

Avaliação Diagnóstica:

Objetivo: _____

Observações: _____

Sugestão de atividades:

Tarefa : _____

Objetivo: _____

Relatório dos objetivos a serem alcançados: **(S)** satisfatório **(I)** Insatisfatório

Ampliação de Conhecimento prévio	Desenvolvimento Do Senso Crítico	Desenvolvimento Do Repertório Linguístico	Desenvolvimento Da compreensão	Competências e habilidades desenvolvidas

Conclusão: _____

Replanejamento: _____

O *portfolio* pode ser desenvolvido por bimestre e reelaborado no replanejamento para retomar as competências e habilidades que não foram atingidas ao longo do processo e dos projetos realizados durante cada bimestre.

Desta forma, o professor consegue acompanhar a evolução dos alunos e até sugerir novas propostas de acordo com as que não lhe trouxeram grandes

avanços durante o processo. Essa análise facilitará o replanejamento do professor permitindo que possa analisar melhor sua postura e suas propostas de atividades.

Esperamos assim, ter contribuído com os professores de Língua Portuguesa que visam à importância da construção de um cidadão social, leitor do seu mundo e de sua realidade, para que consiga criticá-la e modificá-la a seu favor e a favor de um futuro melhor tanto profissionalmente quanto social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordamos neste trabalho a importância do ensino leitura, visando à formação de leitores críticos e competentes, capazes de contribuir e modificarem a sua realidade social.

Nosso trabalho teve como objetivos despertar a criticidade de nossos alunos tornando-os capazes de lerem o mundo que os cerca, contribuir com os professores de língua portuguesa e auxiliar na formação de leitores motivados que sejam capazes de desvendar as entrelinhas do texto, deixando de lado a leitura superficial. Dessa forma contribuímos com o papel do professor, que deixou de ser um mero condutor do livro didático, mas um instrutor ativo de seus alunos na busca por atividades motivadoras.

O ensino de leitura não só deve ser incentivado por nós professores, mas trabalhado e planejado de forma consciente da necessidade do desenvolvimento desta proposta. Planejar aulas voltadas a despertar em nossos alunos a criticidade, através dos textos torná-los-á agentes transformadores de nossa sociedade atual de forma que conseguirão obter êxito em todas as situações.

O desenvolvimento de atividades e estratégias que motivem e contribuam com essa proposta é fundamental para que o projeto seja satisfatório, para isso analisamos um livro didático, muito utilizado nas escolas públicas do estado de São Paulo, e do Caderno do Aluno do Estado de São Paulo, de forma a servirem de guia, apenas um complemento para que o professor se baseie na proposta do Currículo do Estado, mas não fazer desse processo uma solução, a execução do trabalho é muito mais do professor do que do livro didático.

Acreditamos que seja por meio da leitura que nossa criticidade e competências são formadas, de forma a levarem nossos alunos a atuarem e contribuir com nossa sociedade e com sua realidade tão necessitada de pessoas qualificadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens* - 6ºano: língua portuguesa. São Paulo: Ed. Saraiva, 7.ed. reform. | 2012.

FIGUEIREDO, Olivia. *Didática do Português: Língua Materna*. São Paulo: Editora ASA, 1º edição | 2005.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

GIASSON, Jocelyne. *A Compreensão na Leitura* - Coleção Práticas Pedagógicas. Porto: Editora ASA, 1ºedição | 1993.

KLEIMAN, Angela. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. São Paulo: Ed. Pontes, 8ª Edição | 2002.

KLEIMAN, Angela. *Leitura ensino e pesquisa*. Campinas: Ed. Pontes, 4ª Edição | 2011.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Editora Ática, 6ª edição | 2000.

MATA, Lourdes; MONTEIRO, Vera; PEIXOTO, Francisco. *Artigo Motivação para Leitura*. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v27n4/v27n4a10.pdf>. Acesso em 15 Out. 2013.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: língua portuguesa. In Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias. São Paulo: 2ª edição | 2012.

SÃO PAULO. Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo - Caderno do Professor; Língua Portuguesa: Ensino Fundamental – 5ºsérie/6ºAno, São Paulo: 1º Edição volumes 1, 2, 3 e 4, 2013.

SMITH, Frank. *Compreendendo a Leitura: Uma análise psicológica da leitura e do aprender a ler*. Tradução Daise Batista. Porto Alegre: Artmed editora, 4ª edição | 2003.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Escola e leitura velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global Editora, 1ª Edição | 2009